

# ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL 2021



**REPAM**  
SUBE ECLÉSIAL PANAMAZÔNICA  
BRASIL



Comissão Episcopal para a

**Amazônia**



# ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL 2021

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - CARDEAL CLÁUDIO HUMMES .....	5
APRESENTAÇÃO - DOM ERWIN KRÄUTLER .....	8
A CONJUNTURA DA IGREJA NA AMAZÔNIA .....	11
SÍNODO PARA A AMAZÔNIA PANORAMA DO CAMINHO DEPOIS DA ASSEMBLEIA SINODAL .....	19
CARTA ABERTA DO ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL AO POVO BRASILEIRO .....	31



## APRESENTAÇÃO

### CARDEAL CLÁUDIO HUMMES

Caríssimos irmãos, caríssimas irmãs.

Esses nossos encontros que vêm vindo ao longo da história, desta vez de uma forma não como gostaríamos, de estar juntos presencialmente, estamos aqui de uma forma virtual nessa grande e importante reunião. Quero saudar a todos e todas presentes.

Estamos nos preparando para a festa de Pentecoste, isso significa que, de forma muito particular, invocamos o Espírito Santo para que nos ilumine e sobretudo nos encoraje. Para que tenhamos coragem e inspiração em nosso trabalho na Amazônia.

Diante de tudo isso, nesse tempo difícil da pandemia da Covid-19, em que tanta gente está perdendo a vida em nossas comunidades, não só nas cidades, na área urbana, mas também na floresta profunda, surgem ainda outras necessidades, como a fome. Todos nós nos sentimos, portanto, muito

interpelados de como agir, estar juntos, viver esse momento como Igreja na Amazônia.

Por isso, em primeiro lugar peço ao Espírito Santo que nos una, ele que é o Espírito da unidade e ao mesmo tempo da diversidade. Sabemos que nossa região tem uma grande necessidade disto: a unidade, mas respeitando as diversidades legítimas que temos em todos os lados. Isso nos lembra todo o trabalho ecumênico da Igreja por todo mundo. Como estamos também nós buscando construir essa unidade com nossos irmãos de outras Igrejas nessa região?

Faz quase dois anos que nós realizamos o Sínodo para a Amazônia. Ele é fundamental para nós, pois marca, e deve continuar marcando, todo o nosso processo histórico daqui pra frente. Caminho que já começou, claro, antes mesmo da Assembleia Sinodal, com toda a preparação, todo o processo de escuta e aprendizagem de estar junto do povo, de escutá-lo e, junto com ele, dizer como podemos construir novos caminhos para a Igreja, para todo o território, para toda a ecologia do território.

É bom para nós, bispos da Amazonia, que nos reunimos nesse encontro sermos abertos ao processo que o sínodo nos coloca. E é aí que vem o nosso encontro, aqui realizado, que deve nos interpelar: como está a nossa pastoral? Houve de fato alguma mudança? Ou tudo permanece do mesmo jeito e os documentos estão apenas em nossa biblioteca? O que realmente está acontecendo em nossa comunidade, em nossa diocese? O que conseguimos fazer de mais correspondente a toda essa interpelação que o Sínodo e esse processo nos colocam, mesmo a reforma que o papa Francisco está colocando em curso? Você, sendo sincero consigo mesmo, sobretudo você sendo bispo, agente de pastoral, você deve dizer: “ainda não aconteceu nada de muito importante, de diferente”. É

uma questão que temos que nos colocar e não deixar passar o tempo. Como está a nossa atividade como Igreja junto aos indígenas? Toda a questão de defesas: da floresta, dos rios, das águas, da biodiversidade... houve alguma diferença da parte da Igreja, das nossas dioceses, nós mudamos algo, mudamos nossas atitudes?

Todas essas questões nós devemos colocar muito sinceramente no nosso coração, em primeiro lugar. É uma questão de conversão, como diz o papa. Isso significa que nós mesmos precisamos ser diferentes e deixar-nos transformar pelo Espírito Santo que nós invocamos nessa semana. Essa são questões que deixo aqui como interpelações para todos nós.

Um excelente encontro para todos.

**Cardeal Cláudio Hummes**

Presidente da Comissão Episcopal para a Amazônia

## APRESENTAÇÃO DOM ERWIN KRÄUTLER

Estimados irmãos, estimadas irmãs,

É com grande alegria que aqui, desde as margens do Xingu, acolho a cada um e cada uma neste nosso IV Encontro dos bispos da Amazônia Legal desta vez de forma virtual por causa da pandemia. Em clima sinodal e de fraternidade, mesmo que à distância, podemos nos reunir, partilhar a vida, sonhar juntos e construir novos caminhos para a nossa Querida Amazônia.

Juntamente com a Comissão Episcopal para a Amazônia, nós, da Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil, pensamos com muito carinho esse encontro. Seguindo o espírito de Santarém, queremos ser Igreja profética e comprometida com o nosso povo da Amazônia.

Criada em 2014, a REPAM tem como missão “potencializar, de maneira articulada, a ação que realiza a Igreja no território Pan-Amazônico, atualizando e concretizando opções



apostólicas conjuntas, integrais e multiescalares, no quadro da doutrina e das orientações da Igreja”.

Ou seja, estamos a serviço da Igreja no Brasil para os povos da Amazônia, para a defesa dos direitos humanos de mulheres e homens, ribeirinhos, indígenas, acampados e assentados, pescadores, e tantas outras expressões e trajetórias de vida emersas na Amazônia.

Apostamos no protagonismo dos povos amazônicos na defesa e cuidado da casa comum através de um serviço de interconexão e articulação de ações, que se dinamizam a partir de eixos prioritários.

Somos REDE. Não somos mais uma organização ou pastoral, mas contribuímos para que as pastorais, movimentos, articulações que existem nas Igrejas locais possam se interconectar, criar sinergia, ser pastoral de conjunto.

Lembro aqui o papa Francisco no número 97 da Querida Amazônia quando diz: “Encorajo o aprofundamento do serviço conjunto que se realiza através da REPAM e outras associações com o objetivo de consolidar aquilo que solicitava Aparecida: «estabelecer, entre as Igrejas locais de diversos países sul-americanos que estão na bacia amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas»[138]. Essa é a nossa identidade, ser rede e contribuir para a pastoral de conjunto.

Como REPAM, contribuímos no processo de construção e realização do Sínodo para a Amazônia. Mobilizamos e motivamos as escutas nos territórios, num movimento bonito de presença da Igreja junto aos povos da Amazônia. Agora, portanto, nesse momento pós-assembleia sinodal é nossa missão contribuir para o enraizamento do Sínodo. Assim, estamos proporcionando formações, materiais, assessorias, criando sinergias para que o Sínodo para a Amazônia seja vida na vida das nossas comunidades.

A triste realidade de pandemia que estamos vivendo nos últimos tempos tem exigido de nós criatividade e ousadia no cuidado com as pessoas e exercício da nossa missão. A partir da secretaria executiva de Brasília, ampliamos nosso contato com os territórios e conseguimos, com o apoio de inúmeros parceiros, contribuir com ajudas emergenciais, possibilitando a chegada de alimentos, materiais de higiene e limpeza e máscaras nos territórios. Neste momento, estamos apoiando mais de 40 iniciativas nas dioceses e prelazias que favorecem a autossustentação das comunidades. Projetos de agroecologia, de economia solidária... um movimento bonito de resiliência e resistência do nosso povo.

Desde o final de 2020, após um processo de discernimento e mudança na secretaria da REPAM, enquanto Brasil, acolhemos a Secretaria Executiva Pan-Amazônica. Em Brasília concentramos os processos administrativos, junto com a REPAM-Brasil, e em Manaus está o escritório que cuida do processo pastoral, articulação dos eixos e relação com as REPAMs Nacionais.

Agradecemos imensamente aos senhores o apoio, acolhida e presença junto a REPAM-Brasil. Somos Rede e cada nó, cada Igreja particular, cada pessoa é importante para nos fortalecermos juntos.

Que tenhamos um encontro de muito frutos para a nossa Igreja na Amazônia, possibilitando que novos caminhos se tornem reais.

Meu abraço fraterno.

*Altamira – PA, 18 de maio de 2021*

**Dom Erwin Kräutler**

Presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica/REPAM-Brasil

## A CONJUNTURA DA IGREJA NA AMAZÔNIA<sup>1</sup>

**Pe. Agenor Brighenti**

- É importante manter o hábito de resituar continuamente os processos pastorais no contexto sócio-eclesial, que está sempre em movimento (*Medellín: “todo compromisso pastoral brota de um discernimento da realidade”*). Com a mediação das ciências e a luz da Palavra revelada, trata-se de ler os “sinais dos tempos”, que se manifestam “no” tempo, na história e contribuem para fazer a Palavra de Deus “salvação para nós hoje” (DV 11).

### **1. A PROFECIA DE PAULO VI SE CUMPRIU**

- “*Cristo aponta para a Amazônia*” (célebre expressão de Paulo VI, em mensagem aos Bispos da Amazônia, reunidos

---

<sup>1</sup> Análise realizada no Encontro dos Bispos da Amazônia em 18 de maio de 2021.

em Santarém, em 1972; a primeira reunião deu-se em 1954; a CNBB nasceu em 1952).

- A profecia se cumpriu. Mesmo em meio à gravidade de uma pandemia, que dura mais de um ano, praticamente o mundo inteiro olha para a Amazônia, assim como o olhar da Igreja em geral também está focado na Amazônia.

- Os motivos:

- *alguns são para se alegrar* – a exuberância do bioma amazônico e sua contribuição para a humanidade; a grande biodiversidade e a pluralidade de povos e culturas; a presença de uma Igreja defensora da vida, com seus profetas e mártires; a Igreja atuando pela capilaridade de comunidades, dinamizadas pelo laicato, distantes, mas não isoladas; o transcendente Sínodo da Amazônia e seu promissor processo de recepção, etc.;
- *outros são para se indignar*: a intensificação de uma política de depredação da natureza na região pelo desmatamento, as queimadas, o garimpo ilegal, fruto do apoio a um modelo de desenvolvimento insustentável; o descaso com os indígenas, quilombolas, ribeirinhos e os jogados nas periferias das cidades, que põe em risco sua sobrevivência, incluídas suas culturas e religiões;

- Ter os olhos do mundo inteiro e da Igreja em geral voltados para a Amazônia, por um lado, é *alentador*, pois se sabe que se pode contar com muitos aliados na realização dos quatro sonhos vislumbrados pelo Papa Francisco, a partir do Sínodo da Amazônia: os sonhos social, cultural, ecológico, eclesial; mas, por outro lado, *aumenta a responsabilidade* do país e da sociedade como um

todo, assim como da Igreja, diante de tantos desafios (e aumenta a expectativa em relação aos Bispos da Região, às Dioceses e Congregações Religiosas, ao CIMI, à CPT, à REPAM e à Comissão Episcopal para a Amazônia junto à CNBB, à CEAMA e ao CELAM).

- Será que a Igreja na Amazônia terá condições de responder às exigências do momento? Tem dado provas que sim, mas precisa da colaboração e o apoio de todos os comprometidos com a vida na Região.

## 2. A PANDEMIA IMPACTA SERIAMENTE O PAÍS E A IGREJA NA AMAZÔNIA

- A *pandemia* também fez o mundo e a Igreja voltar seu olhar para a Amazônia. Em meio aos problemas da Região, que não são poucos, a pandemia é um sério agravante. Foi dramático o que se viveu, sobretudo, em Manaus, e o que acontece com os povos indígenas, inclusive com a criminalização de suas lideranças. No país, é escandaloso o número de mortos e infectados, com grande impacto também sobre a Igreja, sobre seus quadros de agentes nas comunidades, sobre os processos pastorais em curso.

### - A CRISE DA PANDEMIA SE DESDOBRA EM UMA CRISE:

- *sanitária* (agravada pelo negacionismo da ciência e da gravidade do vírus, também com gente de Igreja contra o isolamento, os protocolos de higiene e até da vacina);
- *crise econômico-social* (agravada por “uma economia que mata”– “trabalhadores, arrisquem a vida para salvar a economia”/*necro-economia*; em contra-partida tantos gestos de solidariedade e

partilha em nossas comunidades, diante da fome e do desemprego);

- *crise política* (agravada por um plano nacional de não combate à pandemia/*necro-política*, em meio a uma forte polarização de extrema-direita, também de segmentos da Igreja, respaldada em uma ideologia que cega);
- crises apoiadas em uma *instrumentalização da religião* (atrelando igrejas a um projeto de poder, expondo a vida das pessoas – Ministro da Justiça: “os fieis estão dispostos a dar a vida para manter os templos abertos”/*necro-religião*; segmentos da Igreja católica que convergem com segmentos do neopentecostalismo).

- Como e quando sairemos desta pandemia e em que situação sairá a Igreja? Que novos desafios lhe esperam? A *Fratelli Tutti* oferece luzes e uma agenda muito concreta, também para a Amazônia.

### **3. A IRRUPÇÃO DA AMAZÔNIA COMO NOVO SUJEITO E NOVO PARADIGMA**

- O mundo e a Igreja olham para a Amazônia, pois ela irrompe no contexto mundial como um *novo sujeito* e um *novo paradigma*. E o Papa Francisco tem feito irromper a Amazônia como novo sujeito e novo paradigma na Igreja como um todo, assim como tem feito igualmente o Sínodo da Amazônia.

#### **A AMAZÔNIA COMO NOVO SUJEITO:**

- a) primeiro, pela *questão ecológica* – tornou-se uma questão primeira, por sobrevivência, que

condiciona o futuro da humanidade; sabe-se da importância da Amazônia para a vida no planeta; a natureza é sujeito de direitos e muito mais quando concebida como obra do Criador - lembra o Papa que cada criatura “tem seu valor em si mesma; e, por nossa causa, milhares de espécies já não dão glória a Deus com sua existência; não temos esse direito” (*QAm* 54); “tudo está interligado”, o cuidado é uma questão de proteção da vida humana e seus ecossistemas.

- b) segundo, pelo direito de existir dos povos originários – é a irrupção dos invisibilizados, do “outro” como diferente; é a legitimidade e o direito dos diferentes e o reconhecimento da riqueza das diferenças; os povos invisibilizados, são portadores de uma sabedoria ainda não conhecida, recebida ou acolhida e que faz toda a diferença nestes tempos de encruzilhada no projeto civilizacional moderno ocidental; é o direito à autodeterminação dos povos e do reconhecimento de que não existe povo ou cultura superior.

### **A AMAZÔNIA COMO NOVO PARADIGMA:**

- a) *a ecologia como paradigma* – o “outro” enquanto natureza, quando olhado com espírito de dominação, leva a posturas predatórias e destruidoras, mas, quando visto como parte de si mesmo e dom do Criador, torna-se instância de admiração e cuidado, de inter-relação respeitosa, de responsabilidade, mediação de Deus; a viabilidade da vida exige uma relação de cuidado, não utilitarista e consumista ou predatória; não é uma ideologia de esquerda, do comunismo para combater o

capitalismo, mas uma questão de responsabilidade para com as gerações futuras; a ecologia é uma agenda obrigatória para a economia, a política, a cultura, as religiões...

- b) os povos originários como paradigma – é assumir uma postura decolonial, descolonizadora do poder, do saber e do ser; os povos invisibilizados, não são povos atrasados, não-civilizados, mas que tem sua própria civilização, no mosaico de civilizações e culturas diferentes; é reconhecer o “outro” como diferente, não como ameaça; diferença a ser acolhida e que enriquece.

#### **4. IMPACTO SOBRE A IGREJA NA AMAZÔNIA NO PRESENTE E PARA O FUTURO**

##### **COM RELAÇÃO À ECOLOGIA COMO SUJEITO E PARADIGMA NA AÇÃO EVANGELIZADORA:**

- a) A Igreja, a evangelização, a pastoral já não pode ignorar a questão ecológica, pois ela é também evangélica, teológica, pastoral é precisa ser integrada no cotidiano da ação evangelizadora.
- b) Isso já é uma tradição na Igreja da Amazônia. Ela tem seus profetas e mártires, que levantaram sua voz contra a destruição da floresta, da biodiversidade, a monocultura, os mega-projetos invasivos, o envenenamento do solo e das águas...
- c) A *Laudato Si'* desafia fazer da ecologia uma dimensão da pastoral como um todo. Na Amazônia, a ecologia já está e pode estar ainda mais presente na espiritualidade, na educação da fé, na celebração



da fé, nas ações concretas, também através de um serviço de pastoral da ecologia em cada comunidade eclesial.

- d) Em uma pastoral da ecologia, frisa o Sínodo da Amazônia que temos muito a aprender dos povos indígenas, que com sua visão integradora da realidade, habitam a região há milhares de anos e são exemplo de um convívio respeitoso e harmônico com ela. Ninguém melhor que eles para nos ensinar a cuidar da Casa Comum.

### **COM RELAÇÃO AOS POVOS ORIGINÁRIOS**

#### **COMO SUJEITOS E PARADIGMA NA AÇÃO EVANGELIZADORA:**

- a) É a superação de toda postura colonizadora na evangelização: “frequentemente o anúncio de Cristo se realizou em convivência com os poderes que exploravam recursos e oprimiam as populações” (Sínodo, Documento Final, n. 15).
- b) *Aparecida* frisa a necessidade de “descolonizar as mentes, fazer cessar a lógica colonialista de rechaço e de assimilação do outro, uma lógica que não vem de fora, mas que está dentro de nós” (cf. *DAp* 96).
- c) É “uma Igreja em saída missionária às periferias, com o cuidado de não domesticar as fronteiras” (Papa Francisco), fazendo da periferia o centro da Igreja. O que leva a Igreja a inserir-se particularmente nos meios populares e a trabalhar estreitamente com os movimentos populares (apelo do Papa Francisco).
- d) A defesa e proteção da identidade cultural dos povos da Amazônia e a edificação de “uma Igreja

com rosto amazônico” (Igreja autóctone) é uma marca da Igreja na Região, particularmente desde “Encontro de Santarém”, em 1972 (carteira de identidade da Igreja da Amazônia/Dom M. Grechi; “um rosto local com dimensão universal”/Sínodo da Amazônia).

- e) Daí decorrem consequências como: a inculturação da liturgia (criação de um Rito Amazônico); a inculturação dos ministérios: padres casados (aceso à Eucaristia), diaconato para as mulheres, ministério do Acolitamento e Leitorado para mulheres, ministério de dirigente de comunidade, ministério de catequista (“uma cultura eclesial marcadamente laical”/QAm).
- f) Leva também a uma inculturação das estruturas da Igreja, mais sinodais, flexíveis, participativas, a exemplo de Frutos do Sínodo da Amazônia como a CEAMA e a Assembleia Eclesial Latino-americana y Caribeña; uma Igreja gerida por organismos de comunhão e participação como equipes, conselhos e assembleias de pastoral, antidotos do clericalismo, a partir das CEBs, a “célula inicial de estruturação eclesial” (Dap 178).

## SÍNODO PARA A AMAZÔNIA PANORAMA DO CAMINHO DEPOIS DA ASSEMBLEIA SINODAL

**Cardeal Michael Czerny S.J.**

**Seção Migrantes e Refugiados**

Dou graças a Deus pela oportunidade de participar deste Encontro dos Bispos da Amazônia brasileira, sempre buscando, como tem feito o Sínodo de 2019, e trilhando novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral.

Me solicitaram para acompanhá-los na reflexão sobre o processo do caminho pré-sinodal, sinodal e pós-sinodal. Mesmo um pouco distante, é com prazer que compartilho o que estamos aprendendo. O que vou oferecer são reflexões sobre vosso caminho que, de forma semelhante e *mutatis mutandis*, queremos viver em outras partes da Igreja e do mundo, sobretudo no que se refere à sensibilidade para com o território e seu povo, numa relação orgânico-espiritual com a Mãe Terra, como o fator

mais primário, mais significativo que outros aspectos: funcional, instrumental e institucional. Oxalá que tudo isto ilumine o que vocês estão experimentando nos últimos anos e esperando para o futuro.

A história começa com a chegada do homem à Amazônia e, mais adiante, com a chegada dos missionários, mas isso não é assunto de reflexão para hoje. Também começa com o Vaticano II, Medellín e Puebla, mas também não vou me aprofundar nisso. Esta história começa com Aparecida, em 2007, há quase quinze anos, e com o Sínodo Pan-Amazônico há quase dois anos, e desde então, o caminho pós-sinodal de breves 20 meses. Quantas coisas, pela graça de Deus, já aconteceram!

Antes de examinarmos os marcos mais importantes, permitam-me perguntar: por que estou retomando isso com vocês? Porque fora da Amazônia, fora do Brasil, fora da América Latina, é muito importante para todos nós ouvirmos a história da maravilhosa providência de Deus, de sua mão poderosa, e seu braço estendido, porque seu amor é eterno (cf Sl 136,12), para entender como, em nosso tempo, Deus guia seu povo na história da salvação. E penso que para vocês esta retomada não é apenas um motivo de gratidão, mas constitui também um “novo apelo”: lembrar é também redescobrir como Deus continua repetindo o chamado. Portanto, desde a visão panorâmica que vocês me pediram para apresentar, é muito importante relembrar os muitos passos já dados ao longo dessa caminhada, para dar graças a Deus pela sua admirável providência e para ouvir seu chamado.

### **APARECIDA - 2007**

Abrimos o Documento de Aparecida. Tendo descrito (“ver”) em particular “a biodiversidade, ecologia, Amazônia e Antártida” (DAP, n. 83-87) e analisado (“julgar”) a situação da Amazônia, Aparecida oferece algumas propostas e orientações para uma pastoral unitária no n. 474:

- a) Evangelizar nossos povos para que descubram o dom da criação, aprendam a contemplá-la e cuidar dela como casa de todos os seres vivos e matriz/origem da vida do planeta, a fim de exercer com responsabilidade o senhorio humano sobre a terra e os recursos, para que possa produzir todos os seus frutos em sua destinação universal, educando para um estilo de vida de sobriedade e austeridade solidárias. Esta evangelização deve ser apoiada, com competência e honestidade, pela autoridade pública nacional e internacional, por exemplo, por meio de medidas de monitoramento e controle social sobre a aplicação dos padrões ambientais internacionais em nível nacional (DAp n. 474).
- b) Fortalecer a presença pastoral junto às populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório, e apoiá-las em seus esforços para conseguir uma distribuição equitativa da terra, da água e dos espaços urbanos (DAp, n. 474).
- c) Com base na *Populorum Progressio*, “[O verdadeiro Desenvolvimento] é a forma de passagem, para todos e cada um, de condições de vida menos humanas para condições mais humanas” (PP, n. 20): Buscar um modelo de desenvolvimento alternativo, abrangente e solidário, baseado numa ética que inclua a responsabilidade por uma autêntica ecologia natural e humana, que se fundamenta no evangelho da justiça, da solidariedade e do destino universal dos bens, e que supere a lógica utilitarista e individualista que não submete os poderes econômicos e tecnológicos a critérios éticos. Portanto, que estimule nossos camponeses a se organizarem de forma que possam alcançar sua justa reivindicação (DAp, n. 474).

- d) Antecipando o capítulo cinco de *Fratelli Tutti*, A Melhor Política, Empenhar nossos esforços para estabelecer / promulgar políticas públicas e a participação cidadã que garantam a proteção, conservação e renstauração da natureza (DAp, n. 474).
- e) Nas Américas criar consciência sobre a importância da Amazônia para toda a humanidade. Estabelecer entre as Igrejas locais de vários países sul-americanos da Bacia Amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas, para criar um modelo de desenvolvimento que privilegie os pobres e sirva ao bem comum.
- f) Apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja na Amazônia, para que continue anunciando o Evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação de leigos e sacerdotes, por meio de seminários, cursos, intercâmbios, visitas às comunidades e material educativo (DAp, n. 475).

Nestes breves parágrafos, Aparecida nos oferece, por sua vez, um planejamento pastoral abrangente e um plano de ação concreto. Vale a pena voltar a estas indicações precisas e proféticas.

Em quase quinze anos de Aparecida, houve muitos momentos fortes. Do lado de fora/distantes, só podemos lamentar: por que não ouvimos isso alguma vez na Igreja e na sociedade como um todo? Se o tivéssemos conhecido e cumprido, talvez os últimos quinze anos não tivessem sido tão desperdiçados pastoral, ambiental e holisticamente.

Internamente, agradecemos por quanto o Senhor generosamente ajudou a colocar em prática esses parágrafos centrais de Aparecida. Ao mesmo tempo, não podemos

deixar de nos questionar: se estivéssemos próximos/unidos, organizados e articulados na Pan-Amazônia, tanto mais profundamente unido e animado teria ficado o povo de Deus na Amazônia brasileira e no Brasil em geral. Tanto mais tivesse sido incentivado e auxiliado, e por sua vez vocês contribuindo para a missão na Pan-Amazônia.

### **ENCONTRO DE 2013**

Nossa breve história, que supõe também um profundo exame de consciência, agora salta para 27 de julho de 2013 e ao inesquecível encontro do recém-eleito Papa Francisco com o Episcopado brasileiro. Quantos de vocês estavam presentes? Seria muito interessante intercambiar lembranças, graças, desafios e arrependimentos.

Refiro-me claramente à seção “A Amazônia como teste decisivo, banco de prova para a Igreja e a sociedade brasileiras”. O Papa começou expressando a convicção de que muitos aprenderam a compartilhar desde então, ou seja, que a Amazônia é crucial, e decididamente relevante para o caminho atual e futuro, não apenas da Igreja no Brasil, mas também do conjunto da sociedade.

Historicamente, “A Igreja não está na Amazônia como quem fez as malas para partir depois de explorá-la ao máximo. A Igreja está presente na Amazônia desde o início com missionários, congregações religiosas, sacerdotes, leigos e bispos e ainda hoje continua presente e é decisiva para o futuro da região”.

O Papa convidou a todos a refletir sobre o que Aparecida afirmou sobre a Amazônia (como já o fizemos brevemente) e também sobre o vigoroso apelo ao respeito e cuidado de toda a criação, que Deus confiou ao homem, não para explorá-la com selvageria, mas para transformá-la em um jardim (PF, 2013).

Dois anos depois veio a referência à Amazônia e ao Congo em *Laudato Si'* (LS, n. 38).

Assim, o Santo Padre fez um apelo a uma maior e melhor formação: o trabalho da Igreja deve ser mais encorajado e relançado. Instrutores qualificados, especialmente formadores e professores de teologia, são necessários para consolidar os resultados alcançados no campo da formação de um clero indígena, para ter também padres adaptados às condições locais e fortalecer, por assim dizer, o “rosto amazônico” da Igreja. Nisso, ele pediu a vocês “para serem corajosos, e que tenham confiança. Na linguagem de Buenos Aires, lhes diria para serem corajosos” (PF, 2013).

### **REPAM-2014**

Apenas um ano depois, em setembro de 2014, de forma silenciosa/misteriosa e providencial, nasceu a REPAM!

### **SÍNODO - 2019**

Mais tarde, em outubro de 2019, iniciou o Sínodo propriamente dito. Vários de vocês participaram dele e perceberam como foi difícil para muitos – seja próximo de Roma ou distante – ter uma visão clara e positiva do processo sinodal. Isso se deveu em parte ao “barulho” da mídia, mas também mais profundamente ao fato de que, de fora, é difícil perceber o grande significado da Amazônia para o mundo e para o conjunto da Igreja. Isso os desafia a viver o processo da maneira mais profunda e completa possível, não apenas para o bem de seu próprio povo e de todo o povo da Amazônia, mas para toda a Igreja e o mundo como um todo. Uma das grandes graças do Sínodo está implícita em seu título ou tema: “novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. À primeira vista, parece haver dois elementos talvez vagamente conectados.



Mas o próprio Sínodo foi um processo de conversão que nos faz descobrir como um tema único e indissociável nos espera, não só para ser compreendido, mas, mais importante que isso, para ser vivido. O importante Documento Final foi concebido e desenvolvido com este espírito e tem o mesmo e único título em duas dimensões. Poucos meses depois, o Papa Francisco voltou a tratar do tema dessa forma na Exortação *Querida Amazônia*: “Tudo o que a Igreja oferece deve se encarnar de maneira original em todas as partes do mundo” (QA, n. 6), e depois desenvolveu toda a Exortação na forma de quatro sonhos (QA, n. 7):

- **Sonho social** - Sonho com uma Amazônia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos originários, dos últimos, de modo que sua voz seja ouvida e sua dignidade promovida (QA, n. 7).
- **Sonho cultural** - Sonho com uma Amazônia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza, e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana (QA, n. 7).
- **Sonho ecológico** - Sonho com uma Amazônia que guarde zelosamente a beleza sedutora que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas (QA, n. 7).
- **Sonho eclesial** - Sonho com comunidades cristãs capazes de entregar-se e encarnar de tal modo na Amazônia, que deem à Igreja rostos novos com traços amazônicos (QA n. 7).

Caros irmãos, se alguém de nós (na Amazônia e especialmente fora dela) acha difícil apreciar a força unitária e integral do tema dos novos caminhos do Sínodo em duas dimensões, talvez os quatro sonhos sejam ainda mais difíceis de

entender. Cada um de nós, participantes deste encontro, pode perguntar-se: Experimento espiritual e pastoralmente, posso expressar verbalmente e na ação, a integridade dos novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral, e também a integridade dos quatro sonhos?

Cresce a compreensão de uma maior eclesialidade, abrindo horizontes. O que chama a atenção é como o fator dinâmico não se limita às nossas circunscrições habituais: minha diocese, meu estado, meu local, mas que vem desta Amazônia maior e mais plural, mais vulnerável e sempre mais essencial para a saúde do mundo. Como o próprio Jesus veio, não da Judeia, mas da Galileia; não de Jerusalém, mas de Nazaré; não dos fariseus e sacerdotes, mas dos camponeses e trabalhadores. E quanto às pessoas que rodeavam Jesus – por exemplo Natanael, “Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?” (Jo 1,46) – foi difícil para o povo reconhecer e aceitar aquele profeta desconhecido, da mesma forma é difícil para nós reconhecer as periferias que carregam uma mensagem importante, uma oportunidade importante, uma graça e uma providência importantes.

### **PASTORAL DE CONJUNTO**

Se tivéssemos que identificar a matriz/ a primeira de todas as prioridades, seria esta: “estabelecer, entre as Igrejas locais de vários países sul-americanos, que estão na Bacia Amazônica, uma pastoral de conjunto com prioridades diferenciadas [...] apoiar, com os recursos humanos e financeiros necessários, a Igreja que vive na Amazônia, para que continue anunciando o Evangelho da vida e desenvolva seu trabalho pastoral na formação de leigos e sacerdotes [e] comunidades” (DAP, n. 475).

O desafio, portanto, é formular um plano de pastoral de conjunto para a Igreja amazônica, com foco na missão.

Para concretizá-lo, o Sínodo apresenta-nos algumas pistas, especialmente na busca desse rosto amazônico, de uma Igreja inculturada e em diálogo intercultural, uma Igreja tão próxima dos povos amazônicos para identificar-se com eles. Todas as instâncias eclesiais devem estar envolvidas, mas também comunidades, religiosos/as, territórios, povos em geral e especialmente do local, todas as jurisdições eclesiásticas, que na Amazônia são mais de cem.

Creio, sem sombra de dúvida, que o Sínodo Amazônico e o processo da REPAM vinculado ao Sínodo têm deixado e continuam deixando uma marca muito importante na Igreja latino-americana e universal ligada a todo o magistério do Papa Francisco: *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si'*, *Querida Amazônia* e *Fratelli Tutti*.

### **EXEMPLOS**

Continuemos a alimentar, com o Espírito Santo, este grande dinamismo eclesial renovador e transformador. Aqui estão alguns exemplos que, oxalá, animem nossa discussão:

- Igreja em saída, de presença e com necessidade de repensar as estruturas eclesiais e neste marco repensar a formação dos nossos diáconos e seminaristas. Por exemplo, algumas faculdades de teologia têm incorporado a novidade do Sínodo em sua reflexão teológica e pastoral.
- Igreja sinodal que caminha, compartilha, abre espaços de escuta, propõe novos caminhos de diálogo, discerne seus processos e não simplesmente planeja, mas cria instituições eclesiais (CEAMA), pensa e propõe uma renovação e reestruturação do CELAM, avança nos espaços compartilhados e intercongregacionais da CLAR. Sinodalidade que

supõe sinergias e articulação entre as diferentes entidades, órgãos ou espaços eclesiais: CELAM, CEAMA, REPAM, CLAR, CARITAS, Conferências Episcopais. É interessante como, em ritmos distintos e com identidades e missões diferentes, há uma dinâmica eclesial múltipla de uma Assembleia eclesial para a América Latina (tomo como estrutura os sonhos de QA), a criação de redes além da REPAM em nível de América Latina, a formulação e execução de um Plano de Pastoral de Conjunto para a Amazônia.

- Insistir na vocação de uma Igreja samaritana que esteja a serviço da realidade que as pessoas vivem no seu dia a dia, de todas as enfermidades e contágios que existem, das mortes, dos problemas de saúde. A epidemia limita muito e cria muita instabilidade e incerteza, bem como a dificuldade de chegar a determinados territórios para promover novas ações. A Covid-19 nos força a repensar os sistemas de saúde e a contribuição da Igreja. As jurisdições eclesiásticas tiveram que se adaptar às condições impostas pela Covid, e com grande dificuldade se tem conseguido fazer o que se sonhava e o que se esperava. Como trabalhar esses problemas concretos, por exemplo, o fato de que muitos indígenas não querem ser vacinados. As consequências desta pandemia são horríveis e isso será levado muito em consideração nas opções, nas prioridades pastorais que a Igreja amazônica deve ter.
- Inculturação e interculturalidade (respeito, diálogo, cultura do encontro) e rejeição das práticas colonialistas, o esforço de uma Igreja que não se

limita apenas a inculturar-se, mas deve entrar em um intenso diálogo intercultural com os povos amazônicos. Novos espaços ecumênicos e inter-religiosos estão sendo abertos a partir de uma perspectiva ampla, desde os problemas e desafios socioeconômicos, políticos, culturais e socioambientais, e não estritamente religiosos ou doutrinários.

- Educação de qualidade para todos e todas: um pacto pela educação no qual a Igreja está comprometida. Por exemplo, a Rede Amazônica de Educação Intercultural Bilíngue (REIBA). REIBA é um projeto educacional da Igreja Católica que visa fortalecer a formação de alunos de centros educacionais em comunidades indígenas da região amazônica, com a ajuda de educadores voluntários. Eles não substituem mestres ou professores efetivos. São colaboradores e auxiliam na formação de alunos dentro e fora do centro educativo.
- Tomada de consciência da necessidade de uma conversão integral (aporte do Sínodo) e de processos que nos sensibilizem frente à realidade que vivemos, assim como da importância dos processos de reconciliação (um exemplo é o pecado ecológico e a maneira de reconciliar-nos com a destruição da casa comum).

Entre os limites e desafios que continuamos tendo, está a dificuldade de alcançar a perspectiva para além do Brasil, tanto na Amazônia quanto na América Latina, como experiência de crescimento mútuo, comunhão e de plena sinodalidade.

Quais são os desafios que continuamos tendo? Se pode assim resumir: que nossa Igreja amazônica e brasileira seja

sempre mais missionária e evangelizadora na (re)construção da casa comum na Amazônia. Entre os diversos entes eclesiais, tais como os representados neste encontro, necessitamos de processos de articulação e sinergia, e a abertura para opções, planejamentos e resultados que acolhemos com a graça da novidade do Espírito Santo.

## CARTA ABERTA DO ENCONTRO DOS BISPOS DA AMAZÔNIA LEGAL AO POVO BRASILEIRO

*“Vi, então, um novo céu e uma nova terra, morada de Deus com sua gente (...).  
Nunca mais haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor.  
Sim! As coisas antigas passaram! Eis que faço novas todas as coisas”  
(cf Ap 21, 1-5).*

### **“CRISTO APONTA PARA AMAZÔNIA”.**

A convocação de São Paulo VI, que repetidas vezes nos inspirou como interpelação, se configura agora como profecia: os olhares se voltam para Amazônia, pela riqueza da sua biodiversidade e de seus povos, e isto nos alegra; mas também olhares ambiciosos, que lançam sobre a região um avanço de depredação e ameaça à vida, e isto nos causa indignação. Como Igreja Católica, também nós, lançamos **nosso olhar vigilante, nossa escuta contemplativa e esperançosa, nosso comprometimento inequívoco; levantamos nossa voz,**

renovamos os apelos à ecologia integral, ao cuidado com a casa comum, à proteção e preservação da região e renovamos nosso empenho como aliados dos povos desta *Querida Amazônia*.

Nós, bispos da Amazônia, presbíteros e diáconos, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas em profunda sintonia com o Sínodo Pan-Amazônico, reunidos nos dias 18 e 19 de maio de 2021, desta vez nos servindo das tecnologias de comunicação, de distantes nos fizemos próximos, como nos fazemos próximos do nosso povo como uma Igreja que se põe à escuta e acolhe as culturas e tradições amazônicas, expressão do Espírito de Deus. No exercício de nossa missão evangelizadora dirigimos esta mensagem a toda sociedade, aos povos da Amazônia, aos homens e mulheres comprometidos com a defesa da vida. E o fazemos profundamente sensibilizados pela situação de vulnerabilidade e ameaças que sofre toda casa comum, agravada pela pandemia da Covid-19, e pelo acirramento das disputas territoriais com expansão das atividades minerais e do agronegócio em terras de populações tradicionais. A consequência desse cenário de morte tem sido as inúmeras e incontáveis vítimas da pandemia. Chegamos aos quase 440.000 mortos, além dos que sucumbiram diante de processos de violência no campo e na cidade. Nos solidarizamos com todos os que tombaram vítimas do descaso e dos projetos de morte. Como o salmista, reconhecemos a preciosidade da vida de cada homem e de cada mulher que partiu: *“É de alto preço, aos olhos do Senhor, a morte dos seus fiéis”* (Sl 116,15).

### **NOSSO OLHAR VIGILANTE**

Acompanhamos estarecidos, mas não inertes, o desenrolar de um arquitetado projeto genocida que, por sua vez, revela o devastador agravamento de uma crise que escancara



a pobreza diante da escandalosa concentração de riquezas. Este é o sinal evidente da perversidade de uma economia de mercado, embasada no capital especulativo, que se alimenta das necessidades dos estados nacionais, fazendo destes seus novos consumidores. Assim, o capital sequestra a autonomia dos Estados, exige e dita os novos rumos da política, rompe com as históricas conquistas sociais, desmonta as instituições e políticas de seguridade, alimenta-se das posturas extremistas, que por sua vez buscam na religião sua legitimidade de expressão. Essa perversidade busca revestir-se de um maquiado desejo de liberdade e de autonomia diante da lei, derruba os marcos legais que garantem o equilíbrio das relações e a salvaguarda do bem comum. As lutas das populações da Amazônia têm diante de si o escandaloso desafio da pretenciosa legalidade do ilícito. Ou apelamos para a garantia legal da vida e dos territórios, ou nos defendemos quando o extermínio se torna lei!

Este dinamismo é escancaradamente presente diante da questão das lutas dos povos indígenas. O cenário político indigenista vivido no Brasil é de retrocesso, com o agravamento das violações dos direitos destes povos, principalmente no que se refere à regularização dos seus territórios. Eles enfrentam invasões de suas terras, incentivadas por estratégias políticas que favorecem a exploração, por garimpeiros, mineradoras, madeireiros, desmatadores, agentes do agronegócio, entre tantos outros, gerando toda espécie de violências e violações de direitos humanos e da natureza. Somam-se os incêndios, poluição das águas dos rios, contaminação de peixes, contaminação das pessoas e dos animais; assassinatos, violência sexual, pandemia, desassistência.

Percebemos, também, que a crise socioambiental, denunciada em 2019 durante o Sínodo, acentuou-se durante a

pandemia e revela os limites de um sistema que está sendo rapidamente destruído e que tende a perecer se a crise não for detida. Preocupa-nos a cadeia de iniciativas em vista do desmonte e fragilização da legislação socioambiental e fundiária: O PL 3729/2004 que desmonta o sistema de licenciamento ambiental; o PL 2633/2020 e PL 510/2021 que abrem as “porteiças” para a grilagem de terras; o PL 191/2020 permitindo a mineração e atividades econômicas em terras indígenas; o PL 6299/2002 que flexibiliza fabricação e uso de agrotóxicos. A profecia não silencia diante destas práticas: *“Ai dos que inventam leis injustas, dos escribas que referendam a injustiça para oprimirem os pobres no julgamento”* (Is 10,1-2).

Enquanto escrevemos estas linhas, populações que há mais de 30 anos estavam presentes em seu chão, são despejadas no Assentamento Jacutinga em Porto Nacional – Tocantins, contrariando a recomendação do Conselho Nacional de Justiça de não executar decisões desse tipo em tempo de pandemia.

Outra série de agressões vão se acumulando neste cenário que não escapa aos nossos olhos: as ameaças às unidades de conservação, o acirramento da violência no campo e na cidade, a crise migratória, o feminicídio, a exploração sexual, o trabalho escravo, o tráfico de pessoas, entre tantos. Como se não bastassem essas crises provocadas pela intervenção humana, o fenômeno das enchentes, que pode ser agravado pelas mudanças climáticas, castiga nossas populações ribeirinhas. De olho nas águas, percebemos uma iminente crise hídrica como pauta de um próximo embate.

Somos sabedores que os governantes têm o dever constitucional de agir para evitar a destruição das riquezas naturais e implementar políticas públicas que amenizem a situação de desigualdade e pobreza, porém, na Amazônia isso não

vem acontecendo. Assistimos um governo que vira as costas a esses clamores, opta pela militarização em seus quadros, semeia estratégias de criminalização de lideranças e provoca conflito entre os pequenos. Dói em nossos corações de pastores as imagens de escárnio e zombaria das dores de nossa gente: *“Nossa alma está farta, em extremo, da zombaria dos satisfeitos e do desprezo dos soberbos”* (Sl 123,4).

Não obstante este cenário, mantemos viva e acesa nossa esperança no Ressuscitado: *“No mundo tereis aflições, mas tende coragem! Eu venci o mundo”*. (Jo 16,33)

### **NOSSA ESCUTA CONTEMPLATIVA E ESPERANÇOSA**

Aprendemos da experiência do Sínodo da Amazônia um olhar esperançoso. A Amazônia é também resposta! Ela irrompe como novo sujeito e como novo paradigma pela questão ecológica e pelos seus povos originários. A partir da Amazônia fomos desafiados a assumir esses novos paradigmas em nossa ação evangelizadora. Os caminhos traçados pelo Sínodo da Amazônia, catalogados em forma de compromisso no novo *Pacto das Catacumbas pela Casa Comum*, deixaram evidente a necessidade de superar uma lógica colonizadora, de escolher a periferia como centro da Igreja, de assumir o caminho da inculturação e interculturalidade, seja no campo dos ministérios como das estruturas: uma Igreja com o rosto Amazônico.

Constatamos com alegria a atuação de uma infinidade de comunidades constituídas e milhares de lideranças de cristãos leigos, na sua maioria mulheres, que atuam no campo da evangelização e educação socioambiental. A partir dos relatórios dos Regionais da CNBB na Amazônia, verificamos que estamos a passos lentos, mas progressivos, tornando concretos os caminhos de conversão propostos no Documento Final do Sínodo

e os quatro Sonhos do Papa Francisco na Exortação Apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia*. Foi justamente para retomarmos o ardor do Sínodo da Amazônia e apreciar os passos dados que fomos convocados para este encontro. Perguntamo-nos: “Que mudanças efetivamente têm ocorrido em nossa ação evangelizadora desde as indicações do Sínodo?”

### **Nosso comprometimento inequívoco**

A Igreja na Amazônia já tem um caminho. Somos uma Igreja que age sob a força e inspiração do Espírito de Deus. A liberdade e ousadia do Evangelho são mais fortes que as amarras e os desgastes das estruturas. A conversão pastoral, desde a Conferência de Aparecida (2007), nos interpela, a conversão integral, desde o Sínodo da Amazônia, nos inquieta. Somos sabedores dos desafios de manter a unidade em tempos de conflitos, do nosso papel mediador. Não somos ingênuos de pautar nosso agir em polarizações agressivas, como insistem até mesmo alguns que dizem professar a fé em Jesus Cristo, mas não haja dúvidas de que lado nós estamos: por causa do Evangelho e do Reino reafirmamos nossa incondicional escolha por estas populações, por estes territórios, por estas vidas ameaçadas. Em nada nos fascina qualquer aproximação com esses sistemas perversos, mas também aos que neles se envolvem, anunciamos a Boa Nova de Jesus: “*Cumpriu-se o tempo, e está próximo o Reino de Deus. Arrependei-vos e crede no Evangelho*” (Mc 1,15)!

Não estamos sozinhos, há outros interlocutores da fé cristã, de outras expressões religiosas, de organizações populares, novos sujeitos emergentes; a partir dos pequeninos nos sentimos irmanados neste compromisso. “*Tudo isso nos une. Como não lutar juntos? Como não rezar juntos e trabalhar lado a lado para defender os pobres da Amazônia, mostrar o rosto santo do Senhor e cuidar de sua obra criadora?*” (Querida Amazônia 110).

Sentimo-nos impulsionados e animados a reafirmar alguns compromissos:

- Prosseguir e avançar em nossa pauta pastoral as reflexões e indicações ousadas do Sínodo em torno dos ministérios, como apresenta o Documento Final do Sínodo nos números 103 e 111, e da formação inculturada dos nossos agentes;
- Elaborar um plano estratégico com diretrizes pastorais, que encarne o sonho social, ecológico, cultural e eclesial para a Pan Amazônia;
- Incentivar a questão da segurança alimentar como estratégia de cuidado pela vida;
- Reafirmar nosso envolvimento efetivo com o Pacto pela Vida e pelo Brasil, unindo-nos ao “coro dos lúcidos” fazendo nossas as suas pautas: a vacina para todos, a defesa do SUS, o auxílio emergencial digno, pelo tempo que se fizer necessário e a investigação da responsabilidade pela má gestão do sistema de saúde em meio à pandemia do coronavírus. Da mesma forma tornar vivo o Pacto Educativo Global, proposto Papa Francisco, em todas as regiões da Amazônia. Conclamamos todas as instâncias eclesiais e a sociedade como um todo a unir-se neste engajamento;

*“O que vos é sussurrado ao ouvido, proclamai-o sobre os telhados”* (Mc 10,27). Tendo descoberto a capilaridade das novas dinâmicas de comunicação, das quais nos servimos para chegar junto às nossas comunidades em tempos de distanciamento social, igualmente queremos por meio destes recursos fazer chegar a todos e todas estas nossas inquietações, esperanças e compromissos.

Exortamos, às mais variadas lideranças de cristãos leigos e leigas, que não desanimem da luta, que renovem continuamente o senso de comunhão eclesial, que a paixão pelo Reino de Deus seja sempre alimentada, e que a sensibilidade para com os mais pobres seja permanente.

Não nos faltem a intercessão de nossos mártires, companheiros de caminhada, e o olhar benevolente da Senhora de Nazaré, Mãe da Amazônia: “esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei”! A Mãe de Deus está conosco. Sigamos em frente!

Amazônia, 19 de maio de 2021.





**REPAM**  
REDE ECLESIAL PANAMAZÔNICA  
BRASIL



Comissão Episcopal para a

**Amazônia**